



Comunicação, escrita e cultura: a perspectiva de Eric Havelock¹

Tainá Amorim e Silva²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

O presente texto analisa o modo como o teórico canadense Eric Havelock compreende a relação entre comunicação e cultura, tema central para os que atualmente se dedicam ao estudo das tecnologias de comunicação. Abordamos rapidamente os principais conceitos utilizados pelo autor, os procedimentos metodológicos e fontes de que se serve para fundamentar suas proposições e a consistência epistemológica da teoria proposta.

Palavras-chave

Epistemologia da Comunicação; Escrita; Efeitos dos Meios de Comunicação; Eric Havelock.

Genealogia do Havelock

Erick Havelock, teórico canadense nascido em Londres, no ano de 1922 iniciou seus estudos em *Emmanuel Colege*, Universidade Cambridge. Durante seus estudos na Universidade, Havelock já começou os questionamentos sobre a natureza da filosofia pré-socrática. Em 1926, na *Acasia University*, Canadá, ele começou sua carreira acadêmica e após se casar, em 1929 se mudou para *Victoria College*, na Universidade de Toronto. Havelock, que sustenta sua pesquisa nos estudos do surgimento do alfabeto e o quanto isso influenciou nas mudanças culturais da sociedade, fez parte do corpo docente de outras Universidades, publicou três livros, escreveu diversos ensaios, palestrou em ambientes acadêmicos e mesmo após se aposentar continuou expandindo seus estudos sobre os efeitos da alfabetização, literatura e cultura.

Durante uma parte de sua vida acadêmica Eric Havelock se dedicou ao estudo da comunicação na Grécia antiga, tendo como foco principal os efeitos da introdução da tecnologia sobre a organização e expressão do pensamento da sociedade. No caso dos estudos de Havelock essa tecnologia é a introdução do alfabeto na vida cotidiana da humanidade. Para o teórico essa tecnologia afeta diretamente na comunicação, uma vez

1- Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

2-Graduanda em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro(UERJ) e bolsista de iniciação científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico(CNPq).



que ele afirma que o “meio é a mensagem”. As teorias da comunicação defendidas por Marshall McLuhan e Edmund Snow Carpenter foram baseadas nos estudos e pensamentos de Havelock. Inclusive McLuhan também segue o raciocínio de que o “meio é a mensagem” em seus trabalhos acadêmicos.

Cultura oral

Para estudar a cultura letrada, seu surgimento e seu desenvolvimento é preciso, primeiramente, conhecer a arte da oralidade, buscar ter conhecimento das culturas de comunicação oral, que procederam a invenção da leitura. Mesmo que a sociedade oral não tivesse um sistema de escrita ela tinha sua cultura, e essa é tão importante como a cultura da sociedade letrada. Segundo Havelock *“Uma concepção que equipara sofisticação cultural com domínio da escrita deve ser posta de lado. Uma cultura pode até fundar-se totalmente na comunicação oral, e ser ainda uma cultura”*. Para essas sociedades saber ler e escrever não significava ter educação, como acontece, hoje, em nossa sociedade, onde os que não têm conhecimento da escrita e da leitura são denominados iletrados e analfabetos, e são diretamente relacionados à falta de desenvolvimento, e a pobreza da sociedade.

Já que a escrita não fazia parte da cultura da sociedade oral eles usavam a memorização para armazenar as informações necessárias *“sem memória a comunicação era impossível*. É preciso muito esforço para memorizar grandes quantidades de discurso, e esse costume já não mais existe na nossa sociedade atual e, conseqüentemente, o homem não mais tem capacidade de memorizar tanta coisa. Mas se os antigos costumes de memorização retornassem a capacidade do homem também voltaria a ativa.

Para que todo o conteúdo pudesse ser armazenado era preciso que os discursos fossem constituídos de ritmo e rima, que fossem bastante simples e que fossem baseados em personagens em ação:

- O ritmo e a rima eram utilizados porque facilitava a memorização e porque proporcionava prazer em memorizar. Para o ser humano executar bem uma determinada função é bom que essa seja acompanhada pelo sentimento de prazer; o ritmo e rima eram características que davam prazer, por isso era sempre utilizado. Em uma narrativa de Hesíodo há uma menção a esse prazer:



Os prazeres do ritmo são respostas motoras, acompanham movimentos efetivos do corpo e da boca. Isso significa que o processo de recitação e recordação é em si mesmo um desempenho, uma atividade, uma série de ações ritmicamente coordenadas. HAVELOCK, 1982 P.13

- O discurso a ser memorizado era o mais simples possível, pois se a informação fosse complexa não conseguiriam memorizar.
- O tipo de enunciado preferido para narração era o que descrevia uma ação, pois assim podia-se representar essa narrativa e pensamento, ou até mesmo em gestos; do contrário havia pouco prazer em memorizar.

A memorização era fundamental para a vida cotidiana dos gregos, pois eles a usava para armazenar coisas do tipo: como caçar, pescar, plantar, colher e etc. Na verdade todo tipo de informação era armazenado nas memórias vivas, já que não havia documentação alguma. Para uma melhor fixação dessas informações era necessário, também, que as memórias fossem partilhadas, para isso existia audiências. Quando a palavra passa a ser registrada em documentos as informações podem ser consultadas por indivíduos isoladamente. Como outra forma de preservar a cultura das sociedades orais havia o costume, que sempre prevalecia nas tomadas de decisões e na realização de atividades.

A educação na Grécia se dava através de técnicas de aprendizagem, que eram orais. Eles memorizavam poesias, improvisavam e declamavam versos, declamavam prosas retóricas, executavam instrumentos de corda ou de sopro, dançavam e cantavam.

Apesar de armazenar informações através da memorização, os pré-socráticos tinham consciência da necessidade de uma nova linguagem, uma nova forma de pensar.

A invenção do alfabeto

Para que um sistema de escrita fosse devidamente eficaz ele deveria preencher três requisitos: o apanhado dos sons linguísticos deve ser exaustivo; a quantidade de formas deve limitar-se entre 20 e 30, para que a memória não fique sobrecarregada de símbolos para decorar; não deve haver ambiguidade, cada forma deve se referir a um determinado fonema, não cumprindo dupla ou tripla função. Criar um sistema de signos linguísticos obedecendo esses requisitos foi muito difícil para a humanidade.

Foram criados alguns sistemas de escrita que precederam a invenção do alfabeto grego, por exemplo: A escrita cuneiforme, que eram símbolos que representavam objetos e com o passar dos séculos foram se tornando mais e mais abstratos e passaram a representar sílabas ou o som predominante do nome do objeto; A Linear B, que era



utilizada pelos povos micênicos e tinha uma grande quantidade de sinais silábicos; o sistema semítico setentrional, que tinha 22 signos, mas não havia vogais; o sistema fenício, que se baseou no sistema semítico, também tinha 22 signos que podiam escrever qualquer coisa, porém não havia vogais, o que causava ambigüidade.

Todos esses sistemas foram tentativas de criar um alfabeto, porém não respeitava pelo menos um requisitos exigidos, logo não foi definitivo. Uma vez que também eram sistemas muito difíceis de aprender e mesmo quando se aprendia era difícil utilizá-lo devido a grande quantidade de símbolos ou a ambigüidade existente.

Em mais ou menos 700 a.C o alfabeto grego foi inventado, sendo o único capaz de solucionar todos os problemas existentes nos sistemas de escrita anteriores. Muitos anos depois outros alfabetos foram criados, como por exemplo, o alfabeto romano e o cirílico, mas é válido ressaltar que esses derivam do grego original.

Mediante o questionamento de qual terá sido o motivo imediato para a invenção do alfabeto, Havelock cita a resposta do Professor Kobb

Surgiu como um processo de registro gráfico utilizado em sítios ou áreas a candidatura de Chipre se apresenta como favorita, no caso onde gregos bilíngües vizinhos de fenícios, cultivaram a arte oral de compor, em versos, dedicatórias rituais. HAVELOCK,1982 P.20

Em 1871 foi encontrado em Atenas o Vaso do Dípylon, um vaso com escritos alfabéticos (fenício), e em uma data próxima a essa foi encontrada em Ísquia (outro extremo da Grécia) uma taça também com inscrições alfabéticas. O fato de terem sido encontrados dois objetos com registro de escrita na mesma época em lugares diferentes evidencia que ao serem inventados os sistemas de escrita rapidamente se proliferaram.

Processo de letramento

A criação do alfabeto não bastou para a existência da cultura letrada. Mesmo após ter sido criado e ter sua técnica padronizada, o alfabeto grego ainda demora muito para ser dominado por todos. Houve um grande intervalo de tempo – 250 anos – entre a invenção do alfabeto e sua aplicação em toda sociedade, e isso aconteceu porque a condição natural da linguagem codificada em nosso cérebro não é visual, e sim acústica. *“A capacidade do homem está biologicamente relacionada com sua aptidão para falar, para estabelecer comunicação através do discurso oral”* (HAVELOCK,1982 P.55.) A oralidade faz parte da humanidade desde o surgimento sociedade, já a leitura é criada em um determinado momento para facilitar o armazenamento de informações, tornando



a cultura mais complexa. Porém não deixa de ser tratada como um acontecimento. “*O homem leitor, ao contrário do homem falante, não é biologicamente determinado. O homem leitor tem todo um jeito de acidente histórico*” (HAVELOCK,1982 P.54).

Uma consideração da oralidade (se assim posso dizer) do animal humano do ponto de vista da evolução exige-nos a reconhecer que a linguagem oral é fundamental em nossa espécie, enquanto ler e escrever tem todo um jeito de acidente recente. É um tipo curioso de arrogância cultural o que pretende identificar a inteligência humana com o domínio da escrita. (HAVELOCK,1982 P.49)

Os gregos tiveram facilidade para memorizar o alfabeto visualmente, porém para fazê-lo foneticamente houve confusão e incerteza. Antes de o alfabeto grego atingir sua atual importância as letras eram mais utilizadas de forma estética, do que fonética. Houve ocasiões que usaram as letras não para formarem palavras foneticamente falando e sim usam as letras despojadas esteticamente a fim de ter valor visual. Geralmente escreviam nomes, ou até mesmo letras aleatórias, em utensílios de uso diário ou de enfeite.

. O alfabeto grego, tanto na época em que foi inventado, como muitas gerações depois, não foi utilizado, em primeira instância, para transcrever enunciados coloquiais, mas sim para transcrever o que antes se tinha composto segundo as regras orais de memorização. A grande literatura grega clássica deve ser vista como composta em uma condição de tensão crescente entre as modalidades oral e escrita da linguagem.

A quantidade de pessoas letradas depende da qualidade do procedimento de alfabetizá-las. Se esse processo é fácil e rápido se torna acessível à prática do leitor comum. Pois com os outros sistemas de escrita a dificuldade para ler e escrever era tanta que havia uma pessoa que se dedicava a fazer apenas isso. Na verdade ler e escrever eram da competência de um profissional, o escrivão.

Uma sociedade se torna letrada quando já existem condições de alfabetizar as crianças muito novas, pois quando se aprende a ler depois de adulto há pouca possibilidade, se é que há possibilidade, dessa pessoa ser fluente na leitura.

A competência letrada não depende apenas da invenção do alfabeto, mas também da instrução programada para crianças. Isso, por sua vez, depende do acúmulo e disponibilidade de documentação alfabética em quantidade suficiente a fim de tornar a aprendizagem da leitura uma coisa digna de interesse para as crianças. A medida que crianças tinham tal ensino, as habilidades alfabéticas vinham a converter-se em reflexo automático deixando de ser uma coisa laboriosamente dominada na maturidade. Estes progressos rumo a condição letrada em sentido pleno envolveram mudanças sociais e institucionais que iam desde a confecção e distribuição de textos escritos a introdução da disciplina de leitura em nível escolar. (HAVELOCK,1982 P.97)



A inclusão da leitura no currículo escolar era essencial para que os leitores predominassem na sociedade, porém essa reforma curricular demorou bastante para ser implantada, e esse também é um motivo para a demora do predomínio do alfabeto.

Os inventores e primeiros usuários do alfabeto foram os artífices e os comerciantes, seus filhos aprendiam a ler com eles e assim a alfabetização foi dominando na classe baixa. As crianças da classe alta não eram alfabetizadas porque educação escolar se baseava em artes, que eram consideradas mais importantes do que a leitura e a escrita. Assim que o alfabeto foi implantado no currículo escolar, esse era utilizado apenas para auxiliar nas técnicas de memorização. Apenas com o passar do tempo foi reconhecido o valor do alfabeto e suas técnicas foram adicionadas ao currículo escolar. Atualmente a escrita e a leitura é a base da educação da sociedade; e quanto mais às classes são privilegiadas mais têm acesso à essa educação.

A existência de uma educação letrada não dependia apenas da existência de escritores, mas também de leitores que formem uma maioria. Os pré-socráticos até queriam romper com a tradição oral, mas o público ainda utilizava da memorização, logo tinham que compor conforme era melhor para a sociedade. Assim foi o estado de transição do letrado para o não-letrado.

A cultura letrada

Com a invenção do alfabeto grego já não era mais preciso memorizar as poesias e todo o tipo de informação, já era possível arquivá-las em forma de documento. O alfabeto também faz com que o pensar das pessoas fossem estimulados. Uma vez que algo era escrito, futuramente poderia ser lido e relido por outras pessoas, e essas podem ser influenciadas.

Na Grécia sem escrita, e nas culturas pré-gregas onde só perito-letrados dominavam a escrita, as condições de preservação eram mnemônicas, envolvendo o uso de ritmo verbal e musical, pois cada pronunciamento tinha de ser lembrado e repetido. O alfabeto, tornando disponível um registro visual completo, em lugar de um registro acústico, aboliu a necessidade de memorização, e por conseguinte a de ritmo. Até então, o ritmo tinha imposto severas limitações ao arranjo verbal do que podia ser dito ou pensado. Mas do que isso, a necessidade de recordar gastava uma cota de capacidade cerebral – de energia psíquica- que a partir de então não era mais requerida. O pronunciamento já não precisava ser memorizado. (HAVELOCK,1982 P. 85)

Já que não era mais preciso memorizar tudo, não havia mais necessidade das composições serem com as características que tinham. Então aos poucos os autores foram se adaptando a cultura letrada. Os escritos dos filósofos pré-socráticos, ou os dramaturgos gregos são feitos para prender a atenção dos ouvidos (para ouvintes) e não



para prender a atenção dos olhos (para leitores). Com a transformação da cultura essa realidade precisava mudar, a forma de compor tinha necessidade de sofrer um processo de transformação. Se já era possível documentar essas composições, não mais era preciso compor com ritmo e rima, e nem precisava ser fatos. Logo os autores foram compondo de forma mais abstrata.

Nossa interpretação sugeriu que a diferença estilística reflete uma diferença entre métodos de composição oral e letrada. O último é mais livre de entregar-se ao fictício e inventado; o primeiro esquiva o inesperado, prefere o conhecido e o familiar, e tende a guiar a memória de seu público por meio de antecipação, predição e repetição reflexa. (Página 312)

Escritores – de Homero a Platão

O Processo de transição da cultura oral para a cultura letrada foi acompanhada por gerações de autores e compositores, que, de forma gradativa, foram transformando a forma de compor, adequando seus escritos ao letramento que estava acontecendo naquela época.

Antes da escrita os registros eram feitos apenas na memória viva das pessoas, sendo transmitida de geração em geração até que, após a escrita ser criada, alguém escreveu aquelas memórias. Assim aconteceu com os registros escritos de Homero, que foi o último autor que compunha exclusivamente para ouvintes e cujo sua documentação foi a primeira dádiva do alfabeto. Os poemas homéricos eram narrativas e tinham como função primária de entreter e não de instruir. *“Não nos deve surpreender, pois, o fato de que Homero, nas notícias incidentais sobre a atuação dos bardos que ocorrem em seus poemas, dá mais atenção a seu poder de suscitar emoções do que a sua autoridade didática.”* (HAVELOCK, 1982 P. 132).

Hesíodo, que foi considerado um historiador, tem um estilo menos próximo da composição oral em relação a Homero. Suas composições valem-se da ajuda do olho e do ouvido. Isso acontece devido à transição cultural que ocorre na Grécia após o surgimento do alfabeto.

Em última análise, o método de Hesíodo pode ser considerado como um procedimento de definição de tópicos, desenvolvido no seio de uma matriz preexistente de poesia oral narrativa. Isso ainda está a uma certa distância do discurso logicamente organizado, para não falar de definição abstrata e análise. Os materiais lingüísticos ainda são orais. Eles podem todavia, ser reordenados, reagrupados e como que traduzidos em outras formas, para produzir a aparência de um discurso. Dentro desses limites a realização do pensador Hesíodo seguramente não é de se desconsiderar. (HAVELOCK, 1982 P.231)



Xenófanes, Heráclito e Parmênides são considerados para Havelock como os pioneiros especulativos que antecederam o futuro letrado.

Xenófanes não rompe com o modo tradicional da descrição, mas tenta alterar seu rumo, ou seja, ao mesmo tempo que ele está rompendo com esses modos tradicionais de descrição ele também os usa e se deixa ser guiado por eles. Ele corrige e reconsidera pensamentos de Hesíodo e ataca o aparato divino; seus sucessores aceitam o resultado e o apóiam.

Heráclito, que tem um estilo oral, descarta o hexâmetro e usa os aforismos para a memorização oral. Expressa sua preocupação com a necessidade de uma nova linguagem, novas experiências. Os aforismos além de ter descartado a necessidade de acompanhamento musical, abre para Heráclito um novo espaço como pensador.

Parmênides adota o veículo da tradicional e tem uma relação profunda com Homero e Hesíodo. As características de seu poema apontam para recitadores e ouvintes e não para leitores.

Tanto Ésquilo como Eurípides concordam que o principal ofício de um poeta é a educação. A forma do discurso de Eurípides é diferente, seu verso começa a responder a uma condição de comunicação transformada, em que os hábitos letrados invadem o domínio dos da oralidade.

Houve outros compositores que muito acrescentaram na cultura pré-letrada e no processo de letramento que a Grécia viveu, assim como para a composição oral dos dramas gregos, que tinham valor didáticos.

A literatura grega que foi preservada começa com Homero e Hesíodo, seguidos pelos líricos, Pindaro e os dramaturgos gregos. Aí está uma literatura poética tão sofisticada quanto qualquer outra que o mundo jamais tenha visto. Este refinamento poético pressupõe um longo período anterior de desenvolvimento da arte da palavra escrita. É inacreditável, portanto, que os gregos que antecederam ou foram contemporâneos de Homero fossem completamente iletrados. (HAVELOCK, 1963 P.88)

Platão também muito acrescentou na cultura grega. Seus escritos constituem um ponto de partida para a reforma do sistema educacional grego e para o protótipo de uma universidade.

Segundo Havelock, quando se refere à poesia, Platão pensa como se nunca tivesse ouvido falar em arte e insiste em querer que as poesias sejam fontes de informação, que transmitam conhecimentos intelectuais. Segundo ele a poesia destrói a inteligência e priva o homem da verdade. Havelock não concorda com Platão, pois pensa que a poesia e seus aspectos de linguagem, imagem e ritmo são edificantes para o



ser humano e sua educação. E afirma “*Ele recusa a admitir que ela possa ser uma arte com suas próprias regras, e não uma fonte de informação e um sistema de doutrinação.*” (HAVELOCK,1963 P. 46)

Devido a grande identificação das pessoas com os poemas, as pessoas se deixavam ser influenciadas. Quando há a auto-identificação com o poema o objeto do pensamento humano é o poema, já quando há uma separação do humano com esse poema, se abre espaço para que o objeto seja outro.

O homem homérico era parte de tudo que havia visto, ouvido e lembrado. O homem não formava opinião própria, e sim seguia padrões. Depois de Platão o ego grego passa a orientar que em cada um existe um ‘eu’, que deve ter vontades próprias e não deve viver baseado nos poemas.

Uma vez adotada a perspectiva estética, torna-se impossível compreender a violência do ataque de Platão à poesia. Se ele contesta o puro prazer da experiência, se tem aversão ao encanto hipnótico que os artistas podem produzir, está, segundo nosso ponto de vista, atacando não os vícios, mas as virtudes da experiência poética. É fundamental entender que o ataque de Platão é lançado contra algo que para ele constitui não uma diversão, mas uma doutrinação, aquela da qual a estabilidade da cultura grega até então dependera. (HAVELOCK,1963 P. 174)

Segundo Platão a aprendizagem da aritmética leva aos processos de reflexão, que é colocado em prática pela psyche. Na aritmética não há o hábito de recordar e repetir, e sim de solucionar, e para isso é preciso colocar a mente para funcionar. Daí o ser humano que até tal momento tinha a capacidade de ver, sentir, ouvir, repetir e memorizar, passa a pensar, calcular, meditar e conhecer. Só é possível ser autônomo se rejeitar o processo de identificação poética, que por sua vez só acontece graças a mudança da tecnologia da comunicação.

A poesia oral

A poesia era uma das mais eficazes formas de comunicação, afinal era a principal forma de expressão na Grécia pré-letrada. Além de ser utilizada para entreter a poesia era muito importante para a ajudar na memorização. O poema oral era instrumento de doutrinação da cultura, ajudava a conservar a identidade do grupo, pois seu ritmo e formula eram a única forma de recordação. A poesia não era literatura, mas uma necessidade política e social e também tem um papel fundamental na preservação da cultura Grega.

O tipo de composição que chamamos de poética era *ab initio* um recurso inventado para servir às necessidades de registro e preservação em uma época

de comunicação inteiramente oral. Essa preservação só podia acontecer na memória vivas de seres humanos reais. A sintaxe de enunciados feitos na poesia oral tinha, portanto, de conformar-se a certas leis psicológicas que operam para diminuir o ônus do esforço de memória e garantir alguma fidelidade na repetição. Esta colocação é aplicável em primeira instância aos poemas Homéricos, os quais submetidos a exames revelam o fato de que são, na verdade, enciclopédias de informações específicas necessárias para preservar as práticas de uma cultura. (HAVELOCK, 1963 P.138)

A improvisação poética é um elemento secundário e permite que o poeta continue a narrativa com facilidade. Nessa época o poeta era primeiramente escriba, erudito e jurista e depois sim era poeta, artista e homem de espetáculo.

Para controlar a memória coletiva da sociedade é preciso, primeiramente, controlar as memórias individuais. Na recitação oral há uma relação estabelecida entre o poeta e a memória individual, que se estabelece pelo audível e visual que o indivíduo é capaz de captar. Para Platão o que o poeta dizia e, principalmente, como o fazia era importante e, ao mesmo tempo, perigoso. Pois as poesias tinham uma grande capacidade de influenciar as pessoas. Inclusive as declamações aliviavam angústia, tristeza, tensão, medo e coisas semelhantes, devido o prazer que as pessoas sentiam. “*O público alegrava-se e relaxava como se estivesse hipnotizado pela sua reação a uma série de padrões rítmicos, verbais, vocais, instrumentais e físicos*”. (HAVELOCK, 1963 P. 170)

Isso nos traz de volta àquele quadro da declamação e de seu efeito que tanto preocupava Platão. Isso porque, quando analisamos a técnica empregada para conservar a palavra moldada na memória viva, também descobrimos o segredo do enorme poder exercido pelo menestrel sobre seus espectadores. Ele lhes dava não apenas prazer, mas um prazer de um tipo específico, do qual eles acabavam por depender, pois significava alívio da angústia e lenitivo para a tristeza. (HAVELOCK, 1963 P.170)

A poesia desfrutava de vários recursos, um deles era o princípio do eco, que tinha um mecanismo diretamente acústico e indiretamente imagístico. A utilidade mnemônica do eco estimula a antecipação. Pode-se dizer que a 2º ocorrência ecoa a 1º, ou que a 1º prediz a 2º; e para atender as necessidades da memória deve haver semelhança bastante com o dito anterior, a fim de induzir a mente à tentação de saltar de um a outro.

Por trás da dedicação psicológica ao ritmo e ao fluxo da palavra rítmica é possível determinar uma lei acústica em ação, a qual serve para estabelecer conexões como um princípio de ligação que entrelaça feixes de situações. Pode este ser chamado de princípio do eco, a ressoar no ouvido combinado ao princípio do reflexo no espelho, que se apresenta aos olhos da mente. (HAVELOCK, 1963 P. 177)



Com o desenvolvimento do alfabeto a poesia foi mudando de sentido, pois não era mais preciso dessa para a conservação do que se dizia.

Consequências culturais

Com o surgimento da alfabeto a cultura da sociedade sofreu grandes transformações, e o conteúdo da mente humana também foi alvo de mudanças. O alfabeto fez com que o pensar das pessoas fosse estimulado, pois na cultura oral a pessoa apenas era capaz de ouvir, memorizar e repetir. Já com a escrita, uma vez que algo era escrito as pessoas, futuramente, têm a possibilidade de reler, e melhorar o que tinham escrito; e há também uma grande probabilidade de uma outra pessoa ler e ser influenciada pelo escrito.

Geralmente os usuários de uma determinada língua criam apego por essa, de forma que é difícil aceitar a realidade de uma outra e havia uma ligação grande entre escrita e poder político. O que gerava conflitos entre as regiões que adotavam alfabetos distintos. Como aconteceu entre o sistema grego oriental e o ocidental, divisão que resultou na adoção de duas versões do alfabeto, a ateniense e a romana. E essa situação de rivalidade política que afeta no alfabeto utilizado teve continuidade ao longo dos séculos por vários países. Foi preciso fazer algumas adaptações do alfabeto grego para serem utilizados em outros idiomas. Após as transformações necessárias o grego original deu origem a outros alfabetos como o alfabeto romano e o cirílico.

No início a superfície utilizada era o pergaminho e o papiro. Os escritos registrados em papiro davam demasiado trabalho de ler, pois o papiro era uma superfície extensa e contínua, que era enrolada. Logo para ler o conteúdo era preciso ficar desenrolando e enrolando constantemente o papiro. As crianças na escola usavam areia e louça para escrever, pois eram materiais em abundância e que podiam ser reutilizados, assim como as tabuinhas que os gregos usaram para fazer certos “lembretes”. Nesses materiais era possível escrever, apagar todo que estava escrito para reutilizar o material. Após dois mil anos de uso da técnica artesanal – o manuscrito – os livros começaram a ser impressos, o que deu ao discurso alfabetizado uma nova dimensão, tanto qualitativa como quantitativa.

Além da criação do alfabeto o que muito contribuiu para o crescimento da humanidade foi a invenção do sistema numérico, que foi criado pelos hundi-arábica. Eles conseguiram fazer com os números o que os gregos fizeram com as letras. E nós utilizamos esse sistema até os dias atuais.



A junção dessas duas invenções (do alfabeto e dos números) tornou possível a partitura musical, que emprega um sistema de notação que pode ser visto como um complemento a letras e números, esse sistema também é considerado um instrumento de comunicação geral; e também o surgimento e avanço da era da ciência moderna, que hoje é um sucesso e está em crescimento constante.

Quando o uso da memorização diminuiu, devido à possibilidade de registrar por escrito todas as poesias e informações narradas, os pensamentos puderam ser mais abstratos. Com a transição das composições baseadas em fatos concretos para composições mais abstratas surgiu a filosofia.

O alfabeto foi inventado uma única vez e depois disso, nunca foi necessário reinventá-lo; Esse sistema de escrita é uma peça revolucionária na Grécia devido seus efeitos na cultura humana. A existência do alfabeto acarretou na criação de livros, que teve uma grande evolução ao longo dos anos. Enfim, o surgimento do alfabeto causou uma mudança qualitativa na cultura intelectual da humanidade.

Referências bibliográficas

- GOODY, Jack. A lógica da escrita e a organização da sociedade. Lisboa: Edições 70, s.d.
- HAVELOCK, Eric A. A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996
- HAVELOCK, Eric. Prefácio a Platão. Campinas : Papyrus, 1996